

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

4 de Novembro de 2021

A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS DO FUNDÃO

LA PLANÈTE SAUVAGE / 1973 O Planeta Selvagem

Um filme de René Laloux

Argumento e diálogos: René Laloux, Roland Topor, baseados no romance “Oms en Série” (1957), de Stefan Wul / *Desenhos originais:* Roland Topor / *Grafismo dos personagens:* Josef Krabt / *Grafismo dos cenários:* Josef Vana / *Diretores de fotografia (35 mm, Eastmancolor):* Lubomir Rejthar, Boris Baromykyn / *Animação:* Jindrich Barta, Zdena Bartová, Bohumil Sedja, Zdenek Sob, Karel Strel, Jiri Vokoum / *Música:* Alain Goraguer; “paisagens sonoras” de Jean Guérin, num sintetizador E.M.S. / *Montagem:* Hélène Arnal, Marta Latolová / *Som:* Jean Carrère, René Renault, Paul Bertault (misturas), Robert Pouret (bruitages) / *Vozes:* Jennifer Drake, Sylvie Lenoir, Jean Topart, Jean Valmont e outros.

Produção: Les Films Armorial (Paris), Serviço de Pesquisas da ORTF (rádio-televisão francesa), Ceskoslovensky Filmexport (Praga) / *Cópia:* Ficheiro, versão original com legendas em português / *Duração:* 72 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, Maio de 1973; distribuição comercial a 6 de Dezembro de 1973, em Paris. / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Nimas), 13 de Abril de 1976 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 8 de Outubro de 2015, no âmbito do ciclo “Realizador convidado: Abi Feijó”.

La Planète Sauvage é apresentado com três curtas-metragens de Nelson Fernandes (folha distribuída em separado).

Com a presença de Nelson Fernandes.

La Planète Sauvage é um marco no cinema de animação europeu dotado de ambições artísticas e adultas. Basta dizer que foi o primeiro filme de animação a ter sido selecionado para a competição oficial no Festival de Cannes, onde obteve o grande prémio do júri. Ao ser distribuído, foi muitíssimo bem recebido pela crítica francesa, que estabeleceu analogias com Chris Marker e Henri Michaux. Hoje, cinquenta anos depois de realizado, o filme é apresentado em festivais com música rock ao vivo, diante de ávidas plateias jovens. Tornou-se, por conseguinte, um clássico, quase um filme de culto, embora não seja cultuado com ironia, antes pelo contrário. Trata-se de uma co-produção entre a França e a Checoslováquia, por razões fáceis de perceber: os checos tinham enorme competência e equipamento no domínio do cinema de animação e os custos, mesmo calculados para clientes franceses, foram obviamente uma fração do que teriam sido em França. René Laloux declarou, por sinal, numa entrevista de 1973 que era “*praticamente impossível montar uma longa-metragem de animação em França*”.

Embora o filme se baseie num romance de ficção científica dos anos 50, era em que o fascínio pelos “outros mundos” se manifestou com particular insistência no cinema e na literatura, **La Planète Sauvage** se define pela colaboração fundamental que nele teve Roland Topor, celeberrimo artista gráfico (entre outras coisas). A concepção visual é inegavelmente dele. Topor criou os desenhos originais, assim como as maquetas dos personagens e dos cenários, além de ter escrito o argumento a quatro mãos com o diretor, “*uma adaptação muito livre (digamos que traímos com inteligência)*”, observou o realizador. Topor e Laloux já tinham trabalhado juntos nas curtas-metragens **Les Temps Morts** e **Les Escargots** em meados dos anos 60. Quanto ao autor do livro, era um dentista que entre 1956 e 1959 publicou nada menos de onze romances de ficção científica, com vastas ambições (mundos em luta, uma

viagem pelo interior do corpo humano dez anos antes de **Fantastic Voyage**, de Richard Fleischer, parábolas políticas).

Na mencionada entrevista, Laloux define o filme como “*uma espécie de hino à educação. Trata-se antes de tudo de uma epopeia, de um western surrealista*”. É evidente, de fato, que Roland Topor foi profundamente marcado pela estética e pela imagética surrealista. Nos desenhos deste filme, também é nítida a lembrança de Hieronimus Bosch e das suas figuras monstruosas, que não deviam ser detestadas pelos surrealistas. A imagética surrealista, que apesar do aspecto um tanto fabricado da “loucura” das obras é bastante variada e flexível (e sempre estritamente figurativa na pintura, contrariamente a muitos filmes de animação com ambições artísticas, que pendem para a abstração), presta-se perfeitamente a ilustrar os devaneios da ficção científica, com as suas paisagens irreais. Note-se que estamos aqui num domínio da ficção científica que se leva (e é levado pelos seus admiradores) extremamente a sério, “*longe dos homenzinhos verdes*”, para citarmos a fórmula preferida dos admiradores franceses do género. Em suma, em vez de um divertido entretenimento ou de absurdos *kitsch*, como em tantos filmes de ficção científica americanos, cheios de involuntária poesia, estamos diante de uma fábula muito séria. De modo geral, a animação europeia teve tendência a procurar assumir um tom sério, de maneira tão sistemática que parece uma resposta organizada à suposta frivolidade da animação americana, embora Jiri Trnka e o Road Runner sejam tão diferentes que é possível gostar dos dois. Em **La Planète Sauvage**, como é frequente na ficção científica, são precisamente os termos simples da fábula narrada que lhes dão uma aparência de “profundidade”. O filme tem algo do romance de aprendizado, pois acompanhamos o protagonista praticamente desde o seu nascimento até o limiar da idade adulta e é precisamente por começar a viver entre a espécie “superior” que ele poderá aprender como se vive dos dois lados, poderá desencadear a revolta do seu povo contra os seus opressores. Antecipando em seis anos a ideia de outro romancista francês de “sf”, Pierre Boulle, no seu **Planeta dos Macacos**, Stefan Wuhl transforma na sua fábula o *homo sapiens* num animal doméstico ou num brinquedo de seres superiores, que volta e meia os vêem como insetos que devem ser exterminados. Como em tantas narrativas de ficção científica, estamos num mundo em que a perfeição técnica reina numa sociedade altamente repressiva ou opressiva. No filme, os massacres regulares dos humanos (que sem paranóia excessiva podemos associar a *pogroms*), que ainda estão na idade das cavernas, são a prova disso. No primeiro destes massacres, a alusão ao Holocausto é absolutamente transparente: os Oms (transliteração de *hommes*) são asfixiados por um gás e o ruído do gás que é expelido pelas válvulas causa um pequeno calafrio no espectador.

Se a fábula narrada no filme ainda diz muito aos espectadores de hoje, do ponto de vista estético a passagem dos anos transformou **La Planète Sauvage** numa verdadeira *period piece*, quase um compêndio dos gostos e das modas de início dos anos 70, apesar de algumas visíveis referências a **Metropolis** (uma construção cortada por um viaduto, a sala do “parlamento” do planeta dos Draag). Em muitas passagens de **La Planète Sauvage**, as imagens têm semelhanças com a estética de certas bandas desenhadas ou capas de discos da época e em certas passagens há aquilo que à época se chamava *musique planante*, que tanto podia ser de Stockhausen como dos Pink Floyd. Como tantos filmes *datados*, isto é, carregados dos signos da época em que foram feitos, **La Planète Sauvage** tornou-se um filme intemporal.

Antonio Rodrigues